

O MODERNO **JÁ** PASSADO | O PASSADO **NO** MODERNO
reciclagem , requalificação , rearquitectura

anais do 7º seminário do_co_mo_mo_brasil

porto alegre, 22 a 24 de outubro de 2007

**ARQUITETURA MODERNA E RECICLAGEM DO PATRIMÔNIO EDIFICADO:
a contribuição baiana de Diógenes Rebouças**

Nivaldo Vieira de Andrade Junior
7ª S.R./IPHAN
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU/FAUFBA)
nivandrade@uol.com.br

João Legal Leal
7ª S.R./IPHAN
joaolegal.7sr@iphan.gov.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 7ª Superintendência Regional
Rua Visconde de Itaparica, nº 08 – Centro
Salvador – Bahia
CEP 40.020-080
Telefone: (71) 3321-0133
Fax: (71) 3322-3306

ARQUITETURA MODERNA E RECICLAGEM DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças

RESUMO

Diógenes Rebouças foi, inquestionavelmente, um dos principais responsáveis pela consolidação da arquitetura moderna na Bahia e o mais prolífico arquiteto baiano entre o final da década de 1940 e meados dos anos 1960. Neste período, Diógenes produziu algumas de suas obras mais significativas, como o Estádio da Fonte Nova (1942-51) e o Hotel da Bahia (com Paulo Antunes Ribeiro – 1947-52).

O Edifício do IPASE (1952-53), deste mesmo período, é um verdadeiro manifesto da filiação do autor à chamada *escola carioca* e à sua matriz corbusiana. Apesar de estar situado no Centro Histórico de Salvador, ao lado do Mirante do Saldanha – monumento já então tombado pelo SPHAN – e embora Rebouças tivesse atuado como colaborador daquele órgão entre 1947 e 1952, o Edifício do IPASE não apresenta qualquer tentativa de contextualização com o seu entorno, comportando-se mais como um manifesto dos cinco pontos preconizados por Le Corbusier: pilotis, planta livre, terraço-jardim, fachada livre e janelas em fita, aqui substituídas pelos *brise-soleil* e pelos combogós como elementos de controle da luminosidade e da ventilação.

A partir de meados dos anos 1960, Rebouças passa a projetar cada vez menos, se dedicando às atividades de ensino e consultoria. Entre 1982 e 1990, porém, é novamente contratado como consultor técnico do SPHAN na Bahia e tem oportunidade de elaborar diversos projetos de recuperação, requalificação e ampliação de edifícios tombados, bem como propostas de novas construções em conjuntos históricos.

Este trabalho tem como objetivo analisar os diversos projetos de intervenção sobre o patrimônio edificado elaborados por Diógenes Rebouças entre as décadas de 1950 e 1990, buscando compreender as complexas relações que sua produção estabelece com as preexistências edificadas ao longo destes mais de quarenta anos de atividade projetual.

O conjunto analisado inclui diversos níveis de intervenção sobre preexistências arquitetônicas, com destaque para as propostas desenvolvidas para edifícios pré-modernos tombados ou localizados em sítios históricos urbanos desenvolvidas pelo arquiteto nos anos 1980, tais como a adaptação do Solar Berquó em Sede do SPHAN na Bahia (1982-1988); a recuperação do Paço do Saldanha (1990-1995) e a revitalização do Mosteiro de São Bento (1994). Além destas intervenções, o arquiteto elaborou muitos outros projetos nos anos 1980 com características semelhantes, embora não executados, como a ampliação da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira; a adaptação da Casa dos Sete Candeeiros em Museu do SPHAN; a adaptação de um sobrado em Cachoeira na sede do Museu Hansen Bahia; a recuperação da Igreja da Barroquinha; e a recuperação do Engenho Vitória do Paraguaçu.

Somem-se a estas as intervenções realizadas por Rebouças em edifícios modernos de sua própria autoria, como a segunda fase do projeto da Escola-Parque (1959-1963); a ampliação do Complexo Esportivo da Fonte Nova (1968-1971) e a reforma e ampliação do Hotel da Bahia (1981-1984).

No panorama dos projetos de requalificação elaborados por Rebouças, são significativos ainda os novos edifícios projetados na década de 1980 para sítios históricos urbanos ou nas proximidades de monumentos tombados, como o Centro Cívico e Cultural na Ladeira da Praça em Salvador; a Casa de Cultura da Bahia próxima à Igreja da Barroquinha; o Mercado do Peixe ao lado do Forte de Santa Maria; e a Capela de Santa Bárbara em São Félix, o único destes efetivamente construído.

PALAVRAS-CHAVE

Diógenes Rebouças, Bahia, Arquitetura Moderna

MODERN ARCHITECTURE AND BUILT HERITAGE REDESIGN: the contribution of Diógenes Rebouças

ABSTRACT

Diógenes Rebouças was, doubtlessly, one of the most important personalities in the process of consolidation of the Modern Architecture in Bahia and its most prolific architect between the late 1940's and the mid 1960's. In this period, Diógenes has produced some of his most expressive works, such as the *Fonte Nova Stadium* (1942-51) and the *Hotel da Bahia* (with Paulo Antunes Ribeiro – 1947-52).

The IPASE Building (1952-53), built at the same time, is a real manifest of the author's filiation to the so called *carioca school* and its corbusian matrix. Even so it was built in Salvador's Historic Center, beside the *Mirante do Saldanha* – a building already listed by SPHAN at that time – and although Rebouças also worked, between 1947 and 1952, as a collaborator to that agency, the IPASE Building doesn't feature any attempt to adapt itself to the surroundings, preferring to openly make reference to the five points preconized by Le Corbusier: pilotis, free plan, roof garden, free façade and *fenêtres en longueur*, here replaced by the *brise-soleil* and the *combogós* as means of controlling light and wind exposure.

From the mid 1960's, Rebouças constructs each time less, devoting himself to teaching and consulting activities. Between 1982 e 1990, although, he is hired again as IPHAN's technical consultant in Bahia and has the opportunity to develop some projects of recuperation and extension of listed buildings, as much as designing new buildings in historical centers.

This paper aims to analyze Rebouças projects for existing buildings between the 1950's and the 1990's, investigating the complex relationship established by its production and the built preexistences in more than forty years of designing activity.

The analyzed projects comprise different levels of intervention over architectural preexistences, underlining the designs developed by the architect in the 1980's to pre-modern buildings individually listed or placed inside urban historic sites, such as the adaptive reuse of *Solar Berquó* into SPHAN Headquarters in Bahia (1982-1988); the recuperation of *Paço do Saldanha* (1990-1995) and revitalization of *Mosteiro de São Bento* (1994). Beside those interventions, Rebouças developed many others studies in the 1980's with similar characteristics, though not carried out, such as the extension of *Santa Casa de Misericórdia* in Cachoeira; the adaptive reuse of *Casa dos Sete Candeeiros* into SPHAN's Museum; the adaptive reuse of an ancient building in Cachoeira into *Museu Hansen Bahia*; the recuperation of *Igreja da Barroquinha*; and the recuperation of *Engenho Vitória do Paraguaçu*.

Beside those, Rebouças accomplished many interventions on modern buildings previously designed by himself, such as the second phase of the *Escola-Parque* project (1959-1963); the extension of *Fonte Nova Stadium* (1968-1971); and the extension of *Hotel da Bahia* (1981-1984).

In the scenery of the requalification developed by Rebouças, there are some important projects carried out in the 1980's for new buildings inside urban historic sites or in the neighborhood of listed buildings, such as the *Centro Cívico e Cultural* at *Ladeira da Praça* in Salvador; the *Casa da Cultura da Bahia* close to the *Igreja da Barroquinha*; the Fish Market beside the Forte de Santa Maria; and the Santa Barbara Chapel in São Félix, the only one of these projects that was effectively built.

KEY WORDS

Diógenes Rebouças, Bahia, Modern Architecture

ARQUITETURA MODERNA E RECICLAGEM DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças

INTRODUÇÃO

Nascido em 1914, o arquiteto Diógenes de Almeida Rebouças exerceu a atividade profissional de arquiteto e urbanista na Bahia entre meados da década de 1930, quando conclui os cursos de Engenharia Agrônômica na Escola Agrícola da Bahia e de Desenho e Pintura na Escola de Belas Artes, e a sua morte, em 1994. Embora já tivesse realizado diversos projetos importantes em Itabuna e Salvador nas décadas de 1930 e 1940, Rebouças recebe o título de arquiteto somente em 1952, após a federalização do curso de arquitetura. Apesar desta titulação tardia, Rebouças foi, por aproximadamente 60 anos, uma das mais importantes referências nas questões ligadas à arquitetura, ao urbanismo e à preservação do patrimônio cultural na Bahia.

Rebouças teve um papel de grande relevância na elaboração e implantação do primeiro plano urbanístico moderno desenvolvido para a capital baiana, no âmbito do Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador (EPUCS), coordenado pelo engenheiro sanitarista Mário Leal Ferreira. A partir de 1943, Rebouças passou a chefiar o setor paisagístico e de planejamento físico do EPUCS, se tornando responsável pela espacialização dos conceitos urbanísticos de Mário Leal Ferreira, o que lhe garantiu um vasto conhecimento da complexidade do sítio urbano soteropolitano e o transformou no mais respeitado urbanista da Bahia. Após a morte de Ferreira, em 1947, Rebouças passa a coordenar o EPUCS e, entre 1948 e 1950, a Comissão do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (CPUCS), sua sucessora.

A atuação de Rebouças no planejamento físico do território soteropolitano não somente precede a sua afirmação como principal arquiteto baiano como foi, sem dúvida, fundamental para sua consolidação, afinal quase todos os grandes equipamentos urbanos propostos pelo EPUCS tiveram seus projetos arquitetônicos elaborados por Rebouças entre o final da década de 1940 e o início dos anos 1950: a Escola-Parque (Centro Escolar Carneiro Ribeiro, cuja primeira fase foi inaugurada em 1950), a Penitenciária do Estado (inaugurada em 1951) e o Hotel da Bahia, desenvolvido em parceria com Paulo Antunes Ribeiro a partir de anteprojeto elaborado por Rebouças (inaugurado em 1952), dentre outros.

Até então, os projetos arquitetônicos das principais edificações da Cidade de Salvador eram elaborados por engenheiros locais ou por arquitetos sediados em outras cidades, principalmente no Rio de Janeiro. O estúdio de Rebouças, instalado no 9º andar do Edifício Cidade do Salvador, no bairro do Comércio, foi o primeiro escritório de arquitetura da Bahia e, mesmo não contando com uma estrutura empresarial – por decisão do próprio arquiteto –, se constituiu entre os anos 1950 e o início dos anos 1960 em uma estrutura que centralizava quase todos os grandes projetos

arquitetônicos do Estado. Ao mesmo tempo, segundo depoimento de um de seus antigos colaboradores, Paulo Ormino de Azevedo, Rebouças “transformou seu estúdio em um prolongamento da faculdade”, uma espécie de laboratório pelo qual passaram quase todos os arquitetos que, formados nas primeiras turmas da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, substituíram Rebouças no papel de protagonistas da arquitetura baiana a partir de meados da década de 1960, como Assis Reis, José Álvaro Peixoto, Emanuel Berbert e Paulo Ormino de Azevedo (AZEVEDO, 1997: 194).

Com a profissionalização do mercado baiano e a saída do escritório, em 1963, de Assis Reis, seu principal colaborador, começa a se extinguir aquilo que seu ex-parceiro José Bina Fonyat Filho definira como o “latifúndio profissional” de Rebouças (FONYAT FILHO, 1968: 17). Entre 1963 e 1973, Rebouças ainda mantém seu escritório particular, porém agora com uma estrutura muito mais enxuta – reduzida a um dublê de secretário e chofer, a uma bibliotecária e a dois ou três estagiários. Em 1973, fecha definitivamente o escritório – então já em outro endereço – e passa a se dedicar prevalentemente ao ensino e às atividades de consultoria e projeto para empresas como a Construtora Norberto Odebrecht e a Euluz Empreendimentos e para instituições como a Universidade Federal da Bahia e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)¹.

A intensa e contínua produção projetual que Rebouças manteve ao longo de sua extensa vida profissional não o impediu de, ao mesmo tempo, atuar em muitas outras frentes de trabalho. Rebouças foi, por mais de trinta anos (1952-1984), professor do curso de arquitetura da Universidade Federal da Bahia, inicialmente na Escola de Belas Artes e, a partir de 1959, da recém criada Faculdade de Arquitetura, onde ministrava, no último ano, a disciplina Grandes Composições; Rebouças foi também o fundador e primeiro presidente da seção baiana do Instituto de Arquitetos do Brasil, criada em 1954.

Além do seu pioneirismo no urbanismo moderno brasileiro a partir da experiência do EPUCS, da intensidade da sua atuação como o mais prolífico arquiteto baiano das décadas de 1940 a 1960 e da relevância do seu papel como um dos docentes mais influentes do curso de arquitetura da UFBA, Rebouças foi ainda um importante personagem nas ações de preservação do patrimônio edificado baiano, seja através da sua atuação junto ao IPHAN – primeiro como colaborador (1947-1952) e posteriormente como consultor-técnico (1982-1990), seja através da sua participação como membro do Conselho Estadual de Cultura (1968-1979) e do Conselho da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (1968-1971).

¹ Tendo em vista as diversas denominações que o órgão federal responsável pela identificação, documentação, preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro teve desde a sua criação, em 1937, como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), optamos por utilizar a sigla atual IPHAN, independentemente do período abordado.

OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho é um primeiro resultado das atividades de pesquisa desenvolvidas no âmbito do Grupo de Trabalho “Estudos da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Estado da Bahia” (GT-EAUM/BA), da 7ª Superintendência Regional do IPHAN, e tem como objetivo compreender as complexas relações que a produção projetual de Diógenes Rebouças estabelece com as preexistências, através da análise dos diversos projetos de intervenção sobre o patrimônio edificado por ele elaborados entre as décadas de 1950 e 1990.

Como vimos, o período em questão não corresponde àquele de maior projeção de Rebouças, mas sim àquele em que o arquiteto, embora mantendo sua condição de mestre e de principal referência dos arquitetos baianos, reduz significativamente sua produção projetual, ao mesmo tempo em que se intensificam seus projetos de intervenção em contextos preexistentes, principalmente no Centro Histórico de Salvador e em monumentos tombados ou na sua ambiência.

A pesquisa teve como base o levantamento, análise preliminar e digitalização das mais de cem pranchas existentes na Mapoteca da 7ª Superintendência Regional do IPHAN, realizadas por Rebouças na condição de colaborador do IPHAN, principalmente entre os anos de 1982 e 1990. Este material é composto em sua maioria por perspectivas, plantas, cortes e vistas esquemáticos desenhados pelo próprio Rebouças a lápis e muitas vezes recobertos por hidrocor ou lápis de cor. Estas propostas, que muitas vezes não ultrapassaram o nível de estudo preliminar, são a parte menos conhecida da produção de Rebouças e não haviam sido sistematicamente analisadas até o presente momento.

Para complementar o material existente na Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN, foram realizadas entrevistas com antigos colaboradores e parceiros de Rebouças, os arquitetos Eduardo Furtado de Simas, Lourenço do Prado Valladares e João Carlos Fernandes Campos, que participaram ou acompanharam a elaboração de projetos de intervenção sobre o patrimônio edificado, de forma a recolher informações sobre os contextos em que determinados projetos haviam sido desenvolvidos.

Durante estas entrevistas, tivemos acesso também a desenhos e pranchas de alguns projetos de reciclagem do patrimônio edificado que não foram elaborados por Rebouças no âmbito do IPHAN, tal como os projetos de reforma e ampliação do Hotel da Bahia (1980-1984) e de recuperação do Paço do Saldanha, sede do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (iniciada em 1990 e concluída em 1995, após a morte de Rebouças), realizados com a colaboração dos arquitetos da Prado Valladares Arquitetos S/C; e os diversos estudos elaborados por Rebouças a partir da segunda metade da década de 1960 para o Shopping Center Piedade, que contaram com a colaboração do arquiteto João Campos.

DIÓGENES REBOUÇAS E AS INTERVENÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO EDIFICADO

O conjunto de projetos analisado inclui diversos níveis de intervenção sobre preexistências arquitetônicas, com destaque para: as propostas desenvolvidas para edifícios pré-modernos tombados ou localizados em sítios históricos urbanos, as intervenções realizadas por Rebouças em edifícios modernos de sua própria autoria e os projetos de novos edifícios localizados em sítios históricos urbanos ou nas proximidades de monumentos tombados. É a partir destas três categorias que nossa pesquisa se aprofundará nas análises dos projetos.

– Propostas para edifícios pré-modernos

No âmbito desta pesquisa, foi possível identificar oito projetos de autoria de Diógenes Rebouças que tiveram como objetivo a restauração, revitalização, reciclagem e/ou ampliação de edifícios pré-modernos tombados ou localizados em sítios históricos urbanos, todos eles realizados a partir dos anos 1980. Dos oito projetos identificados, seis foram realizados na condição de consultor-técnico do IPHAN, entre 1982 e 1990, sendo quatro deles para monumentos localizados em Salvador – a adaptação do Solar Berquó em Sede do IPHAN na Bahia, a adaptação da Casa dos Sete Candeeiros em Museu do IPHAN, a recuperação da Igreja da Barroquinha e um estudo para a inserção de uma porta na fachada do Convento da Lapa – e dois no município de Cachoeira, no Recôncavo Baiano – a adaptação de um sobrado em sede do Museu Hansen Bahia em Cachoeira e a recuperação do Engenho Vitória do Paraguaçu.

A grande maioria destas propostas não foi executada. Segundo depoimento do arquiteto Eduardo Simas e de outros técnicos da 7ª S.R./IPHAN que conviveram com Rebouças naquele período, ele estava permanentemente dedicado a pensar e refletir – através de desenhos e propostas – sobre o patrimônio edificado baiano e estes estudos surgiam, muitas vezes, como contrapropostas frente a projetos apresentados ao IPHAN por outros arquitetos ou sugestões frente a problemas que se apresentavam no dia a dia da instituição.

O início desta segunda etapa de colaboração de Rebouças no IPHAN se deu em 1982, através do convite para elaboração do projeto de restauração do Solar Berquó, uma casa nobre do final do século XVII recém adquirida pelo órgão, que deveria ser adaptada em sua sede na Bahia. Rebouças se dedicará à coordenação do projeto e das obras de restauro deste monumento, tombado pelo IPHAN em 1938, durante seis anos, até a conclusão das obras em setembro de 1988².

O Solar Berquó havia abrigado, a partir de 1855 e durante mais de um século, o Colégio São Salvador. Frente a um edifício que sofrera inúmeras alterações ao longo dos anos, a abordagem

² O projeto de Rebouças de restauro e adaptação do Solar Berquó em sede do IPHAN na Bahia foi analisado em uma comunicação apresentada durante o 6º Seminário Docomomo Brasil em 2005 e publicado nos respectivos anais (ANDRADE JUNIOR, 2005). A análise deste projeto que aqui apresentamos tem como base aquele texto, atualizada à luz das informações obtidas ao longo desta pesquisa.

adotada por Rebouças será a de “resgatar” todas as suas características “originais”, ainda que para tal seja necessário apagar importantes testemunhos das sucessivas transformações pelas quais o monumento passou e criar elementos anacrônicos e falsos históricos.

Assim, os gradis de ferro dos balcões do pavimento nobre, na fachada principal, que possuíam um desenho típico do século XIX, foram substituídos por novos elementos de desenho inspirado nos gradis de outros solares e casarões do século XVIII; a fachada dos fundos foi completamente modificada, com a eliminação dos anexos mais recentes, construídos a partir do século XIX, e a inserção de uma escada em alvenaria, em estilo colonial, e de balcões de madeira com muxarabis característicos da arquitetura colonial brasileira.

A escada que conecta os dois pavimentos principais foi completamente redesenhada e passou a contar com guarda-corpo de madeira de desenho anacrônico, cujo arranque se inspira naquele em pedra da escada do Convento de São Francisco e de outros monumentos do período. Assim, praticamente todos os elementos do edifício posteriores ao século XVIII foram demolidos e substituídos por novos elementos com desenhos que emulam diretamente a tradição arquitetônica brasileira.



Figuras 1 e 2 – Vistas de um dos balcões da fachada principal do Solar Berquó antes (à esq.) e depois (à dir.) da intervenção realizada por Rebouças (Fonte: Arquivo fotográfico da 7ª S.R./IPHAN e foto realizada pelos autores, set./2005)



Figuras 3 e 4 – Vistas da fachada dos fundos antes (à esq.) e depois (à dir.) da intervenção realizada por Rebouças (Fonte: Arquivo fotográfico da 7ª S.R./IPHAN e foto realizada pelos autores, set./2005)

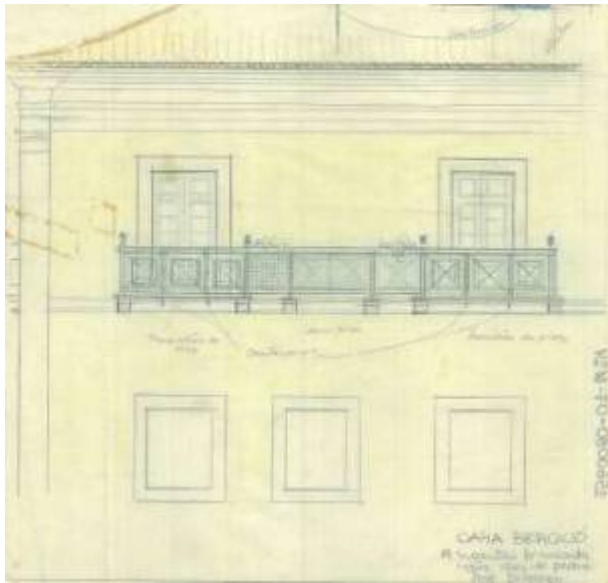


Figura 5 – Desenho de Rebouças para os balcões com muxarabis da fachada dos fundos do Solar Berquó (Fonte: Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN)



Figura 6 – Escada nobre em madeira do Solar Berquó, executado a partir de desenho de Rebouças (Foto realizada pelos autores, set./2005)

A concepção geral da intervenção no Solar Berquó coordenada por Diógenes, um dos principais responsáveis pela consolidação da arquitetura moderna na Bahia, consistiu em resgatar vestígios de um passado que provavelmente jamais existiu, uma atuação anacrônica, viollet-le-ductiana, que realiza falsos históricos.

Desde 1952, a sede do IPHAN na Bahia funcionava, junto com um pequeno museu da instituição, em outro edifício do século XVII, também tombado e igualmente localizado no Centro Histórico de Salvador – a Casa dos Sete Candeeiros. Com a transferência da sede do IPHAN para o Solar Berquó e a conseqüente desocupação da Casa dos Sete Candeeiros, Rebouças começou a elaborar uma série de estudos tendo como objetivo requalificar o imóvel e potencializar o museu existente. Estes estudos, cujas plantas e cortes encontram-se na Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN, tinham como aspecto mais interessante a criação de um novo volume de dois pavimentos, implantado atrás do imóvel tombado através do aproveitamento do desnível existente entre a cota da Rua São Francisco, estreito logradouro onde a Casa dos Sete Candeeiros está implantada, e a Ladeira da Praça, resultante de uma das reformas urbanas realizadas na primeira metade do século XX em Salvador.

A laje de cobertura deste novo volume estaria na cota do pavimento térreo do edifício preexistente e se constituiria em um pátio descoberto acessado diretamente a partir daquela construção. No pavimento superior, com pé-direito bastante generoso e iluminado zenitalmente através de um conjunto de cinco clarabóias organizadas em cruz, estaria um grande salão expositivo com aproximadamente 225,00 metros quadrados. No pavimento inferior estaria o acesso e depósito da carga pesada. A conexão entre os diversos pavimentos do edifício tombado e da ampliação se daria através de uma nova torre de circulação vertical, formada por uma escada e por um

elevador, localizados em um dos cômodos da Casa dos Sete Candeeiros. A proposta de Rebouças previa ainda uma “futura desejável ampliação” do museu para um terreno localizado ao sul, de forma a abrigar o “setor didático, pesquisas, cursos, etc.”. Entretanto, estas ampliações jamais ocorreram, assim como a instalação do elevador e dos novos espaços semi-enterrados.

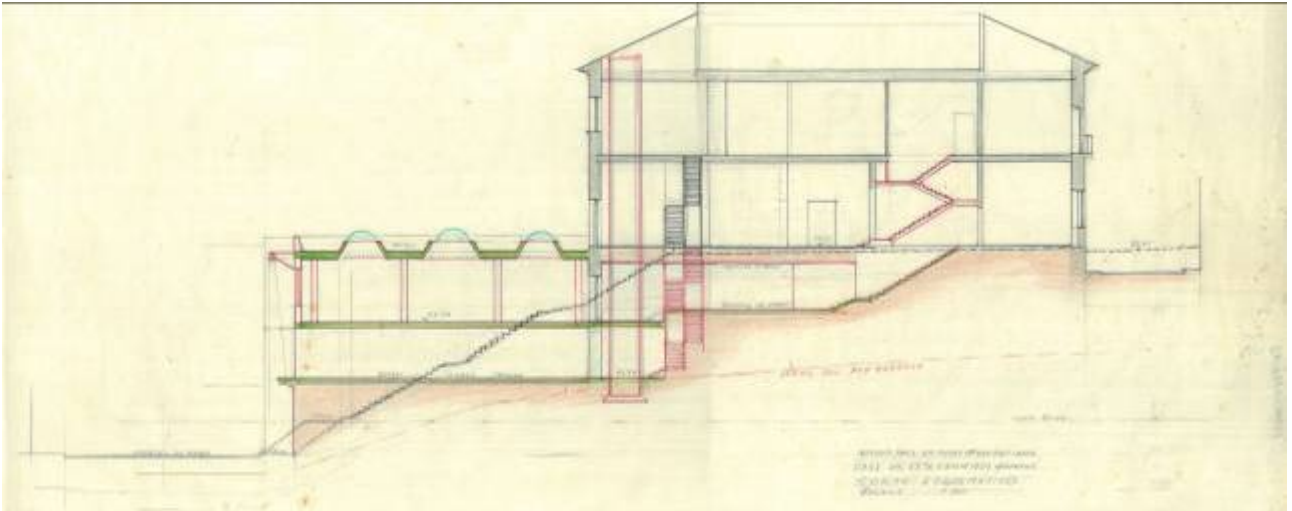


Figura 7 – “Estudo para um Museu SPHAN-FNPM-Bahia”, elaborado por Rebouças – Corte (sem data)
(Fonte: Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN)

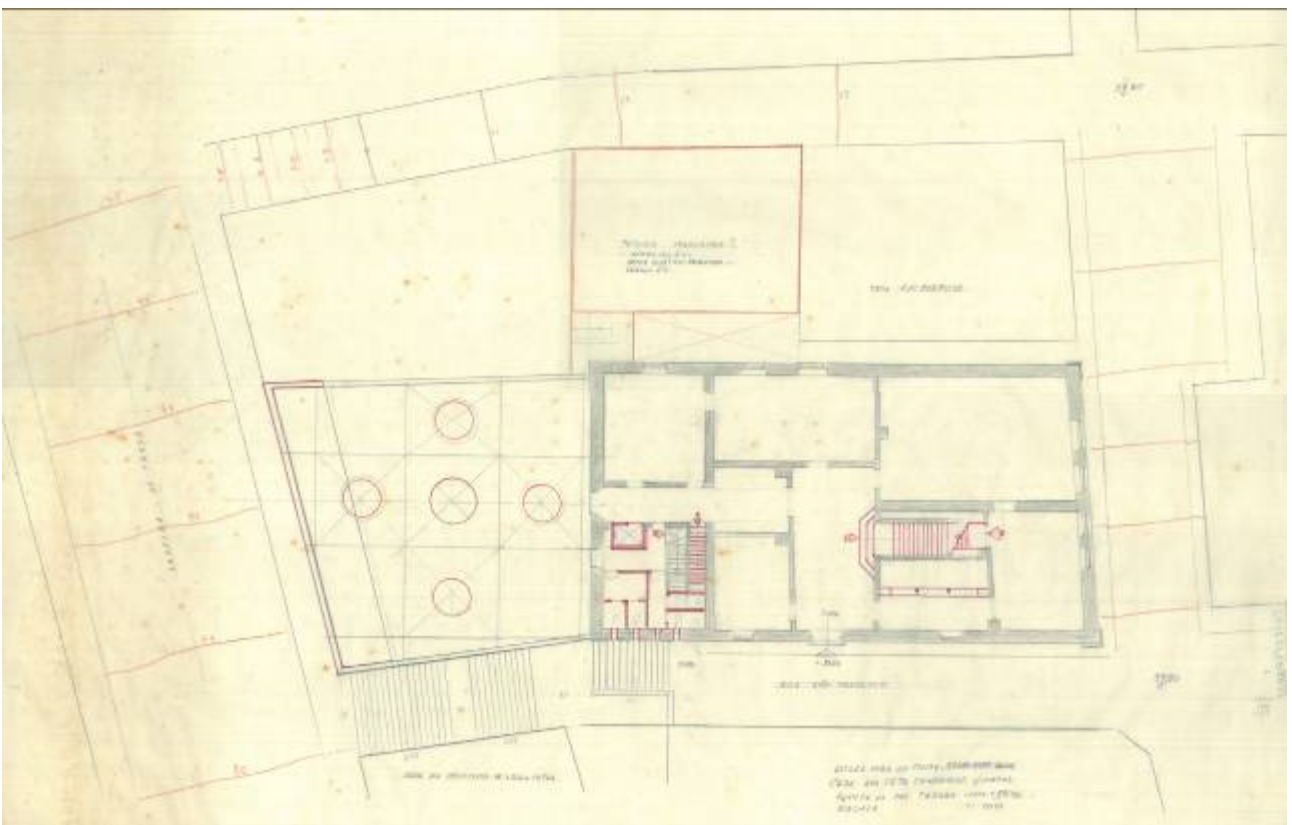


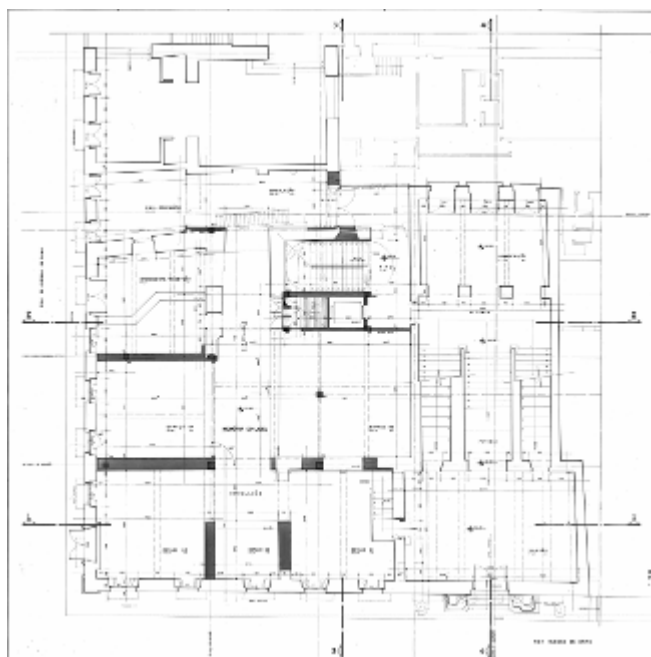
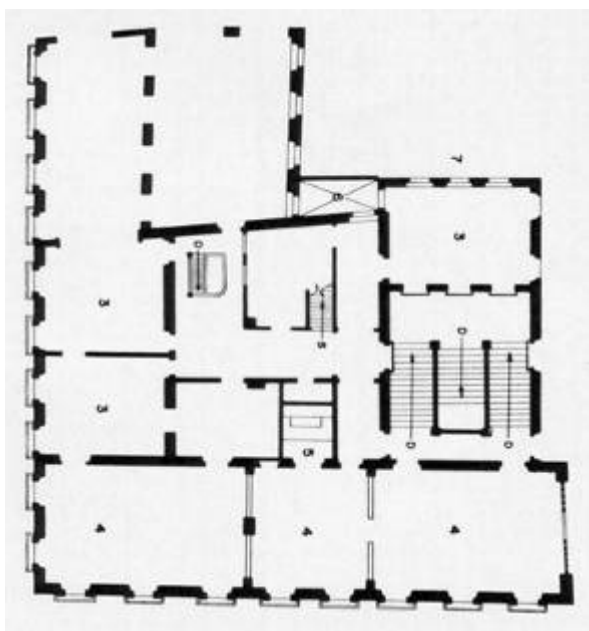
Figura 8 – “Estudo para um Museu SPHAN-FNPM-Bahia”, elaborado por Rebouças – planta do pavimento térreo (sem data)
(Fonte: Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN)

Após o seu desligamento do IPHAN em 1990, Rebouças realizou ainda dois grandes projetos de intervenção em edifícios tombados, ambos para a Construtora Norberto Odebrecht e ambos

concluídos somente após a morte do arquiteto em 1994: a recuperação do Paço do Saldanha, sede do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, e a revitalização do Mosteiro de São Bento. Devido às limitações deste trabalho, optamos por analisar apenas o primeiro.

O Paço do Saldanha, residência nobre da primeira metade do século XVIII e monumento tombado pelo IPHAN desde 1938, abrigava o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia desde 1874. Um devastador incêndio ocorrido em 1968 havia deixado todo o quarteirão onde se localiza o antigo Paço reduzido às paredes murais e à portada barroca de pedra, tendo destruído coberturas, divisórias, assoalhos, forros e esquadrias. Vinte anos depois do incêndio, a Fundação Norberto Odebrecht se associa ao Liceu de Artes e Ofícios da Bahia no sentido de restaurar o Paço do Saldanha e reinstalar, em suas dependências, do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. Rebouças é o arquiteto contratado pela Odebrecht para elaborar este amplo projeto a nível executivo; por não contar mais com uma infra-estrutura que pudesse lhe dar apoio nesta empreitada, se associa aos arquitetos Lourenço e Luiza do Prado Valladares, da Prado Valladares Arquitetura S/C.

O projeto executivo elaborado pela equipe preservava a organização espacial interna do edifício tombado, à exceção de algumas pequenas alterações realizadas com o objetivo de melhor adaptar os espaços ao programa. Por exemplo, através da substituição de duas escadas secundárias, estreitas e de espelhos altos, existentes na parte central do edifício, por um conjunto de elevador e escada dentro dos parâmetros de conforto.



Figuras 9 e 10 – Planta baixa do pavimento nobre (1º pavimento) do Paço do Saldanha: o edifício em ruínas após o incêndio (à esq.) e a proposta elaborada por Rebouças e Prado Valladares Arquitetos S/C (à dir.) (Fontes: AZEVEDO & LIMA, 1975; Arquivo da Prado Valladares Arquitetos S/C)

Entretanto, o resultado final da intervenção se destaca na paisagem do Centro Histórico de Salvador na qual se insere, devido a forte inclinação da cobertura. Embora tenha sido mantida a lógica espacial da cobertura, com grandes planos e cumeeiras paralelos às fachadas, os arquitetos substituíram a inclinação original de aproximadamente 25% ou 30% - semelhante à do

casario do entorno – por uma inclinação de quase 55%. Se por um lado resulta em um ganho espacial interno (pouco aproveitado, diga-se de passagem, embora resolva o problema da casa de máquinas do elevador e do reservatório superior), esta alteração cria, por outro lado, uma cobertura desproporcional que, entre seu ponto mais baixo e sua cumeeira, tem altura equivalente à das monumentais fachadas do edifício. Trata-se de uma modificação na volumetria geral do monumento que, se do ponto de vista de quem circula pelas ruas Saldanha da Gama e Guedes de Brito é pouco perceptível, para quem se encontra em outros edifícios mais altos do entorno certamente provoca estranhamento.

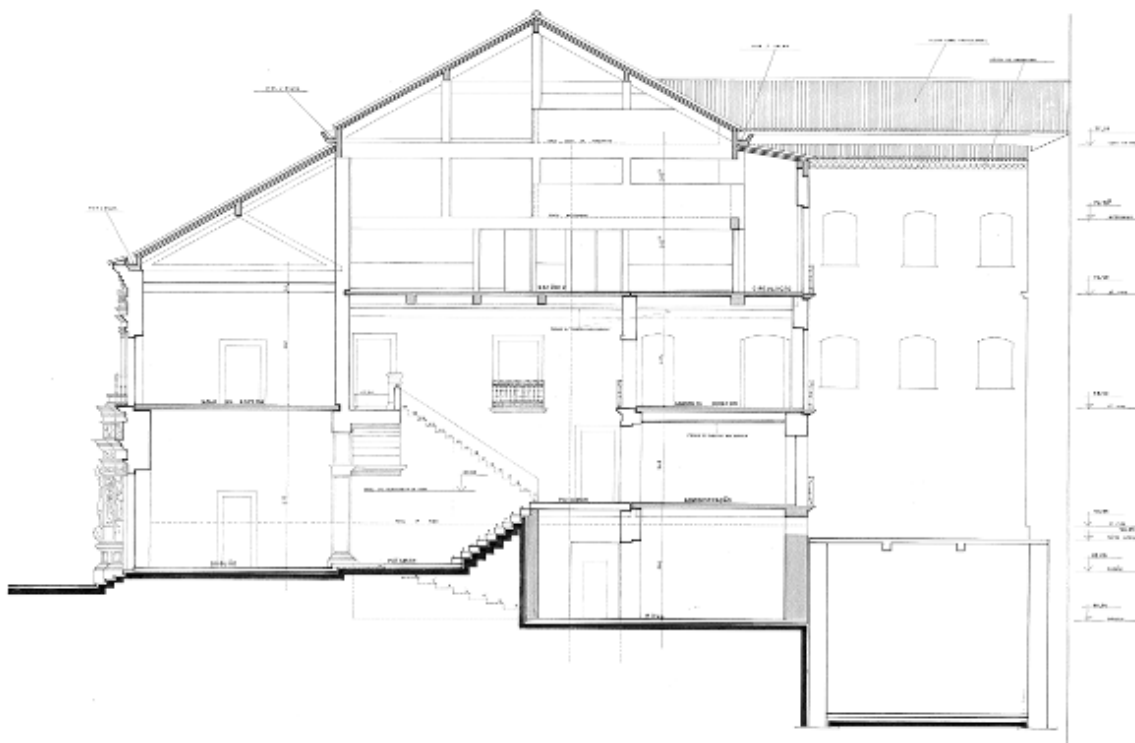


Figura 11 – Projeto de Restauração do Paço do Saldanha elaborado por Rebouças com a colaboração da Prado Valladares Arquitetos S/C – Corte (Fonte: Arquivo da Prado Valladares Arquitetos S/C)



Figuras 12 e 13 – Projeto de Restauração do Paço do Saldanha elaborado por Diógenes Rebouças e Prado Valladares Arquitetos S/C – Fachadas da Rua Saldanha da Gama (à esq.) e da Rua Guedes de Brito (à dir.) (Fonte: Arquivo da Prado Valladares Arquitetos S/C)



Figura 14 – Vista geral do Paço do Saldanha após a intervenção realizada por Diógenes Rebouças e Prado Valladares Arquitetos S/C (Foto realizada pelos autores, dez./2004)

– **Intervenções realizadas em edifícios modernos de sua própria autoria**

Segundo Paulo Ormino de Azevedo, Diógenes Rebouças “foi não somente um dos arquitetos com maior obra construída no país, como um dos poucos que puderam rever sua obra” (1997: 197). De fato, Rebouças teve a oportunidade de realizar diversas intervenções de transformação e/ou ampliação de suas obras.

A Escola-Parque (Centro Escolar Carneiro Ribeiro), por exemplo, foi construída originalmente no bairro da Caixa d’Água em Salvador entre 1947 e 1950. O projeto de um conjunto formado por uma Escola-Parque e quatro Escolas-Classe, idealizado no EPUCS a partir de projeto pedagógico de Anísio Teixeira, foi originalmente concebido pelos arquitetos Diógenes Rebouças, Hélio Duarte e Paulo Assis Ribeiro e ficara incompleto nesta primeira fase. Rebouças teve a oportunidade de completá-lo entre 1959 e 1963, já com a colaboração de Assis Reis.

Situação semelhante ocorre com o Estádio da Fonte Nova, originalmente construído a partir de projeto de Rebouças e inaugurado em janeiro de 1951. O projeto original do estádio já previa a construção de um segundo anel de forma a ampliar de forma significativa a capacidade da arena de esportes e, a partir de 1969, o próprio Rebouças desenvolveu este projeto de ampliação, com a

colaboração de alunos e ex-alunos. Em 1971, o estádio é reinaugurado, agora com sua capacidade praticamente duplicada.

Polêmico, contudo, é o projeto de reforma e ampliação do Hotel da Bahia, levado a cabo entre 1980 e 1984 sob a coordenação de Rebouças e com a colaboração da Prado Valladares Arquitetos. O Hotel da Bahia, cujo projeto foi desenvolvido por Diógenes Rebouças e Paulo Antunes Ribeiro a partir de anteprojeto elaborado exclusivamente por Rebouças em 1947, era considerado uma das mais importantes obras de arquitetura moderna da Bahia e do Brasil, tendo sido publicado em diversos periódicos especializados brasileiros e estrangeiros.

A construção do hotel, concluída na década de 1950, resultou em um estreito e longo bloco de apartamentos apoiado sobre pilotis, que abrigava 180 suítes distribuídas em cinco pavimentos; e em uma base formada por um subsolo e dois pavimentos com pés-direitos altos (ambos com mezaninos), abrigando o setor social no trecho voltado para o Campo Grande e para a Avenida Sete de Setembro e o setor de serviços na metade oposta do edifício.

O pavimento-tipo possuía 36 suítes de 28,00 m² cada, sendo dezesseis suítes voltadas para a movimentada Av. Sete de Setembro e vinte para a tranqüila praça do Campo Grande, acessadas a partir de um corredor central de 2,40 m de largura. O edifício contava com duas torres de circulação vertical, cada uma contendo três elevadores e escada: a social, localizada no trecho central da fachada voltada para a Av. Sete de Setembro; e a de serviço, na extremidade oposta ao Campo Grande.



Figuras 15 e 16 – Fotos da maquete do projeto original do Hotel da Bahia, com torre de apartamentos de oito pavimentos – dos quais foram construídos somente cinco – e com o volume cilíndrico do auditório (Fontes: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº 27, dez./1949)



Figuras 17 e 18 – Vistas gerais do Hotel da Bahia antes da reforma realizada nos anos 1980: à esquerda, vista desde o Campo Grande; à direita, vista desde a Avenida Sete de Setembro (Fontes: MINDLIN, 1999; CAVALCANTI, 2001)

Em 1963, o Hotel, que até então era administrado diretamente pelo Governo do Estado, passa a ser operado pela Companhia Tropical de Hotéis, que posteriormente adquire o seu controle acionário. Na década de 1970, é executado um primeiro projeto de reforma no hotel, de autoria desconhecida, visando adaptá-lo às novas demandas do turismo e que inclui a construção de duas piscinas e a renovação da decoração. Esta reforma não é, contudo, suficiente para evitar o processo de decadência do hotel, que termina sendo fechado em 1978.

Em 1980, o próprio Diógenes Rebouças é contratado para elaborar um projeto de reforma e ampliação do Hotel da Bahia, tendo como objetivo atualizar a sua estrutura operacional para que se pudesse obter o padrão cinco estrelas. Por não mais contar com uma estrutura de escritório capaz de dar conta da elaboração do projeto executivo de um empreendimento deste porte, convida os arquitetos Lourenço e Luiza do Prado Valladares para colaborar na elaboração do projeto. O hotel é reinaugurado em 1º de dezembro de 1984, tendo praticamente duplicado sua área construída (de 13.000 m² para 24.000 m²) e voltando, finalmente, a ser um dos mais importantes e exclusivos empreendimentos hoteleiros de Salvador, situação que mantém até hoje.

Dentre as novas comodidades que o hotel passa a oferecer aos seus hóspedes, estão a garagem, as salas para convenções, o ar condicionado central, o som ambiente e os novos sistemas de prevenção a incêndio e de aquecimento solar para água.

No que diz respeito à transformação espacial do edifício, as intervenções mais significativas resultantes desta reforma concebida por Rebouças são a ampliação vertical do bloco de apartamentos e a ampliação horizontal dos setores social e de serviços localizados na base do edifício.

O bloco de apartamentos recebe mais três pavimentos, que já eram previstos no projeto original, embora nunca tivessem sido executados. Dois dos novos pavimentos de apartamentos são organizados de forma idêntica àqueles preexistentes, com 36 suítes padrão em cada, enquanto o pavimento mais alto possui 26 apartamentos especiais (suítes executivas, suítes nobres, etc.). O hotel passa a contar agora com um total de 278 apartamentos.

Do ponto de vista da espacialidade, os pavimentos de apartamentos preexistentes praticamente não foram alterados. Acima do último pavimento, o bloco de apartamentos recebeu um “pavimento

de cobertura” recuado com relação aos demais, destinado aos serviços e espaços de lazer para os funcionários.

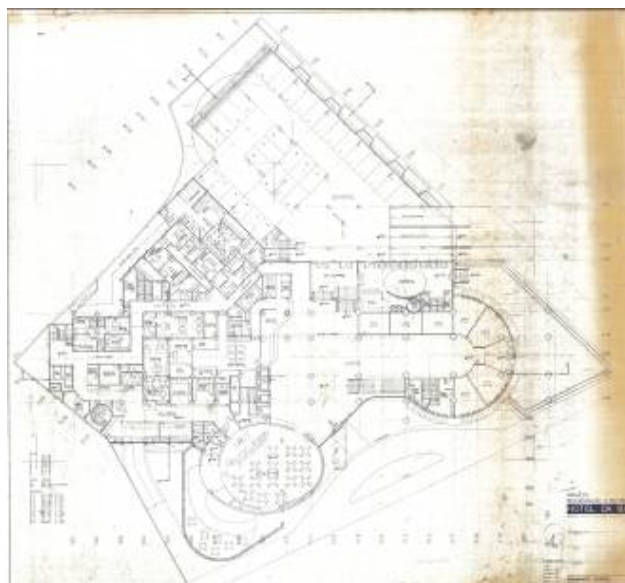
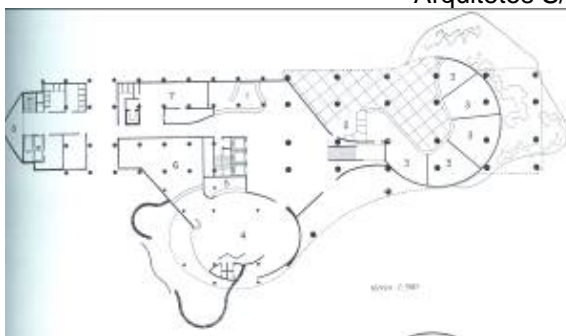
O bloco da base, ampliado horizontalmente, teve sua área duplicada, perdendo a forma orgânica original e ampliando-se sobre o terreno a sudeste do edifício, do lado oposto ao acesso principal na Avenida Sete de Setembro. A utilização deste terreno já estava prevista no projeto original, onde deveriam ser construídos um grande auditório cilíndrico e uma rampa em espiral que, contudo, jamais chegaram a ser realizados. Neste terreno foi construída uma garagem com 65 vagas distribuídas em dois pavimentos, sobre os quais foram construídas novas piscinas.

O grande saguão, a recepção e o restaurante do térreo não foram alterados, enquanto a área comercial foi repensada e, através da redução e racionalização do hall de acesso às lojas – que perde a forma orgânica que possuía – esta zona passa a contar com sete lojas, além de sanitários femininos e masculinos e de um acesso ao “jardim tropical”. Entre a garagem e a área comercial está localizada uma nova discoteca, com acesso tanto pela garagem quanto pelo “jardim tropical”. Na metade nordeste são mantidas as atividades de serviço, agora ocupando uma área duas vezes maior, através de ampliações para noroeste (Avenida Sete de Setembro) e, principalmente, para sudeste.

No mezanino do pavimento térreo, são localizados os espaços de lazer dos hóspedes: os já existentes salão de estar e salão de banquetes e reuniões e novos espaços, como um bar, salas de leitura, de TV, de jogos de mesa, de jogos de cartas, de reunião e de bilhar e, na área obtida através da ampliação sobre o terreno vizinho, as duas piscinas (adulto e infantil) sobre a laje de cobertura da garagem e um novo restaurante cujo salão tem mais de 200,00 m².

No Pavimento Nobre, é criado um foyer e em seu mezanino são criados o grande auditório do hotel com quase 200,00 m² de área, três pequenas salas de reuniões com áreas entre 20,00 m² e 30,00 m² e um serviço de apoio/bar. A exemplo dos pavimentos inferiores, a ala nordeste do mezanino está reservada a espaços administrativos do hotel, de acesso restrito.

Figuras 19 e 20 – Plantas baixas do pavimento térreo do Hotel da Bahia: antes (abaixo) e após a reforma efetuada nos anos 1980 (à dir.) (Fontes: MINDLIN, 1999; Arquivo da Prado Valladares Arquitetos S/C)



Esta reforma provoca grande polêmica no meio arquitetônico baiano e Rebouças é acusado de descaracterizar a própria obra. Algumas das críticas desconsideraram que as ampliações realizadas foram absolutamente necessárias para permitir que o Hotel da Bahia se inserisse adequadamente em um mercado competitivo.

Ao ser questionado a respeito desta polêmica em entrevista concedida poucos meses antes de seu falecimento, Rebouças respondeu:

*Aquilo tudo era bobagem. **O Hotel da Bahia estava completamente obsoleto.** Não podia dar nenhuma contribuição ao setor hoteleiro. Hoje, um hotel que não fosse de cinco estrelas naquele local seria um desastre. Então, foi quando a Varig comprou e me procurou. **Eles deixaram que eu fizesse a adaptação contanto que eu atingisse os índices necessários para ele ter os créditos de cinco estrelas.** O anterior tinha apenas uma grande sala de visitas, tinha 160 quartos, e esse deveria ter, no mínimo, 350. **Precisava de salas de conferencias, de piscina, de uma série de coisas que somente com uma grande reforma seria possível. Saudosismo não tem razão de ser.** Eu mantive algumas formas, alguns materiais, e o resto teve que mudar. Tivemos que botar ali aquela garagem para 120 carros dentro. Era quase impossível, a solução foi levantar a piscina. (apud REBOUÇAS, ALBAN & GALVÃO, 1999: 124 – grifos nossos)*

Entretanto, se as ampliações realizadas podem ser facilmente justificadas – ainda que seja questionável o partido adotado para a ampliação horizontal do bloco da base –, é mais difícil justificar a radical mudança efetuada na imagem do edifício, através da substituição dos materiais de revestimentos e das esquadrias originais por outras mais “atuais”. As fachadas do bloco de apartamentos, por exemplo, se caracterizavam antes da reforma pela malha ortogonal que marcava as lajes e as paredes divisórias dos apartamentos, enquanto toda a vedação era feita por esquadrias com venezianas de madeira fixas e móveis. Estas esquadrias, que definiam a imagem do Hotel da Bahia³, foram substituídas durante a reforma por novas esquadrias de alumínio e vidro, absolutamente banais. A fachada voltada para o Campo Grande, por sua vez, é marcada agora pela horizontalidade resultante da alternância de faixas horizontais claras, correspondente às vigas e guarda-corpos de alvenaria rebocada pintada de branco, e escuras, correspondente às esquadrias contínuas de alumínio anodizado preto e vidro fumê.

³ Fotos e detalhes construtivos das esquadrias originais do bloco de apartamentos do Hotel da Bahia foram publicados em **ABA/CAB – Arquitetura Brasileira do Ano – Caderno de Arquitetura Brasileira**, Supplementum V, pp. 48-49, 1971.



Figuras 21 e 22 – Vistas da fachada sudeste do bloco de apartamentos (à esq.) e do volume de planta elíptica que abriga o restaurante (à dir.) após a reforma efetuada nos anos 1980 (à dir.)
(Fotos realizadas por Larissa Barros e Samantha Santos em maio de 2007)

– **Projetos de novos edifícios localizados em contextos históricos**

Além das intervenções em edifícios pré-modernos e edifícios modernos de sua própria autoria, Rebouças desenvolveu diversos projetos para novas construções em terrenos vazios localizados em sítios históricos urbanos ou nas proximidades de monumentos tombados. Ao longo desta pesquisa, pudemos identificar cinco projetos deste gênero desenvolvidos por Rebouças ao longo da década de 1980, na condição de consultor-técnico do IPHAN: o Mercado do Peixe próximo ao Forte de Santa Maria no Porto da Barra, em Salvador; o Edifício-Garagem e Centro Cívico e Cultural na Ladeira da Praça, no Centro Histórico de Salvador; o novo anexo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira; o Centro de Treinamento de Mão de Obra anexo ao Solar Berquó; e a Capela de Santa Bárbara em São Felix, no Recôncavo Baiano. Destes projetos, apenas o último foi executado; e, além deles, foram identificados três outros projetos de intervenção em contextos urbanos preexistentes e consolidados, elaborados em outras circunstâncias: o Edifício Octacílio Gualberto – mais conhecido como IPASE (1952-1953); as diversas propostas para o Shopping Center Piedade (a partir da segunda metade da década de 1960); e o estudo preliminar para o Sistema Integrado de Transporte de Massa de Salvador (1982).

Um dos projetos mais interessantes elaborados por Rebouças como consultor-técnico do IPHAN é aquele desenvolvido em 1986 para o Mercado do Peixe da Prefeitura Municipal de Salvador, que deveria ser construído à beira-mar, nas proximidades do Forte de Santa Maria, monumento tombado pelo IPHAN desde 1938.

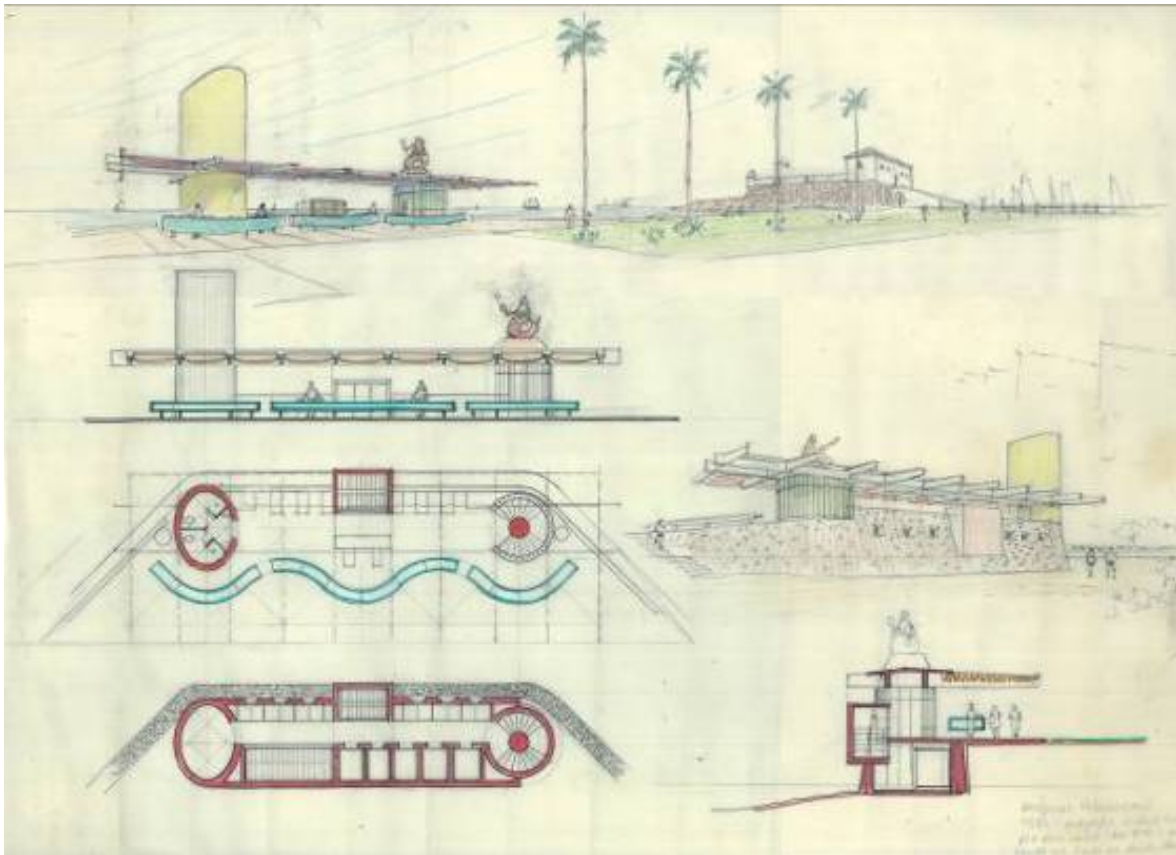


Figura 23 – Perspectivas, plantas baixas, vista frontal e corte do projeto para Mercado do Peixe da Prefeitura Municipal de Salvador elaborado por Diógenes Rebouças em 1986
(Fonte: Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN)

O Mercado do Peixe concebido por Rebouças é na verdade um prolongamento do passeio sobre a praia, através de um muro de arrimo em alvenaria de pedra – referência direta ao Forte de Santa Maria). No nível do passeio, um espaço totalmente aberto e coberto por lonas estruturadas através de uma malha horizontal rígida, de material não identificado, que por sua vez se apóia em dois pontos apenas, próximos às duas extremidades: uma torre cilíndrica mais baixa, que abriga a escada helicoidal e sobre a qual seria instalada uma escultura de lemanjá, orixá ligada ao mar e à pesca; e uma torre de planta elíptica e mais alta, abrigando os sanitários e o reservatório.

Os dois pavimentos do equipamento são absolutamente diferentes em termos formais: enquanto ao nível do passeio encontra-se um espaço totalmente aberto, ao longo do qual serpenteiam um conjunto de balcões de formas sinuosas, ao nível da praia temos uma espécie de *bunker* de pedra semi-enterrado e indevassável, iluminado apenas por pequenas aberturas quadradas voltadas para o mar e subdivido em uma sucessão de pequenos boxes. Em comum, o fato de ambos os pavimentos estarem dedicados ao comércio de pescado.

Ao que tudo indica, trata-se de um estudo feito por iniciativa do próprio Rebouças, provavelmente como “proposta substitutiva” – como aparece indicado em planta – para um projeto apresentado pela Prefeitura Municipal de Salvador ao IPHAN e considerado inadequado pelo arquiteto. O fato é que este projeto simples e cheio de referências à cultural local, porém sem mimetismos, não foi detalhado nem construído.

As intervenções realizadas por Rebouças em contextos preexistentes durante sua longa atividade profissional explicitam diversas contradições e transformações na sua forma de abordar a questão da nova arquitetura frente ao patrimônio edificado. O mesmo arquiteto que, na década de 1980, Rebouças insere uma sucessão de falsos elementos históricos no Solar Berquó, monumento tombado pelo IPHAN, o mesmo arquiteto havia projetado, trinta anos antes, o Edifício Octacílio Gualberto, sede do IPASE, para um terreno junto ao Viaduto da Sé, em pleno Centro Histórico de Salvador.⁴

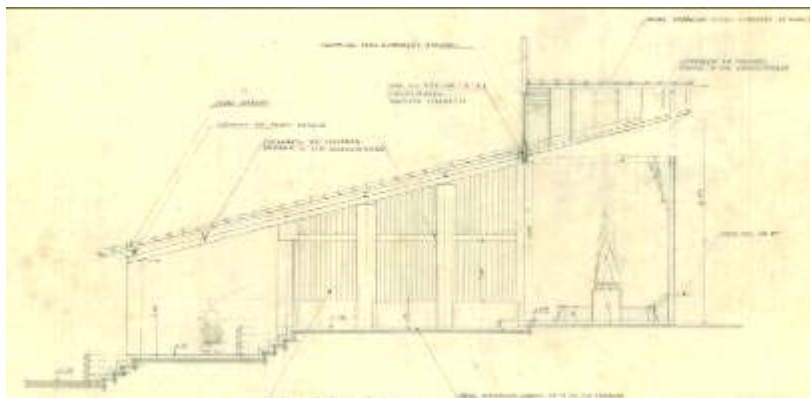
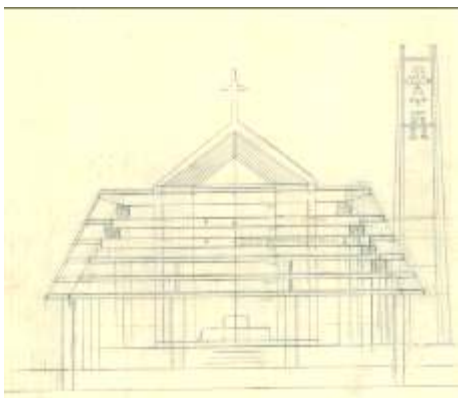
O Edifício do IPASE corresponde a um verdadeiro manifesto da arquitetura moderna que se utiliza de praticamente todo o repertório da *escola carioca* de matriz corbusiana: pilotis, pavimentos livres e contínuos, terraço jardim e fachadas independentes e compostas por painéis formados alternadamente de *brise soleils* e cobogós. Neste projeto, escala, materiais, proporções, fenestrações, volumetria, densidade – enfim, todos os elementos que definem a forma e a imagem arquitetônicas – estão em radical contraste com as edificações dos séculos XVIII e XIX existentes na vizinhança, incluindo o Mirante do Saldanha, sobrado do século XVIII vizinho ao novo edifício e individualmente tombado desde 1941.



Figura 24 – Vista geral do Edifício do IPASE (1952-1953) a partir do Viaduto da Sé – à direita, vê-se o Mirante do Saldanha (Foto realizada pelos autores, set./2004)

⁴ Assim como o projeto de restauro do Solar Berquó, o projeto do Edifício Octacílio Gualberto foi analisado em uma comunicação apresentada durante o 6º Seminário Docomomo Brasil em 2005 e publicado nos respectivos anais (ANDRADE JUNIOR, 2005). A análise deste projeto que aqui apresentamos tem como base aquele texto.

Em contraposição ao Edifício do IPASE, no projeto da Capela de Santa Bárbara em São Félix (1986-1988) o arquiteto parece assumir uma postura conciliatória entre arquitetura moderna e tradição construtiva. Neste projeto – o último *ex-novo* construído em vida por Rebouças – a cobertura em telhas cerâmicas, as paredes com fechamento em cobogó, as colunas de pedra e o mobiliário de madeira fazem referência à arquitetura tradicional e popular do entorno, enquanto as vigas metálicas vazadas e de concreto que sustentam a cobertura e seus beirais e o suporte externo do sino em concreto aparente incorporam elementos e materiais de uma modernidade construtiva que transformam o projeto da capela em um híbrido.



Figuras 25 e 26 – Fachada principal e corte transversal do projeto original da Capela de Santa Bárbara em São Félix (1986-1988) (Fonte: Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN)



Figuras 27 e 28 – Perspectiva e foto da Capela de Santa Bárbara em São Félix (1986-1988) (Fonte: Mapoteca da 7ª S.R./IPHAN; foto realizada por Luciano Caria, dez./2005)



Figuras 29 e 30 – Detalhes da Capela de Santa Bárbara em São Félix (1986-1988) (Fotos realizadas por Luciano Caria, dez./2005)

Em diversas situações é possível perceber que, para Rebouças, às vezes a arquitetura não era mais do que um pretexto para refletir e propor transformações sobre a cidade, sua verdadeira paixão. Devido à sua experiência no EPUCS e à sua proximidade com políticos influentes, como Otávio Mangabeira e Juracy Magalhães, e com empresários poderosos, como Norberto Odebrecht e Euvaldo Luz, Rebouças foi por muitos anos o profissional mais influente nas questões de planejamento urbano em Salvador. Assim, por muitas décadas a sua opinião foi solicitada para quase todas as grandes questões urbanas. O mais interessante é que, mesmo com o processo de decadência do Centro Tradicional soteropolitano, acentuado a partir dos anos 1960 e 1970 devido aos investimentos públicos e privados que criariam uma nova centralidade na região do Acesso Norte, a grande preocupação de Rebouças enquanto urbanista sempre continuou a ser a área central de Salvador.

Uma proposta de grande porte e pouco conhecida elaborada por Rebouças para o Centro Tradicional de Salvador é a versão original do projeto do Shopping Center Piedade. Sua concepção original remonta a 1967, quando em todo o Brasil existia apenas um centro comercial nestes moldes – o Shopping Center Iguatemi de São Paulo, inaugurado no ano anterior. Este gigantesco empreendimento projetada para a Euluz Empreendimentos incluiria, além da lâmina horizontal do centro comercial, uma alta torre destinada a abrigar um hotel e uma torre mais baixa correspondente a um edifício de escritórios, e foi projetado em uma linguagem francamente moderna, embora se localizasse na centenária Praça da Piedade, na proximidade de edifícios do período colonial, como a Igreja da Piedade e o Convento da Lapa, e do início do século XX, como o Gabinete Português de Leitura e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Neste projeto, o arquiteto parece estar mais interessado em repensar o sistema viário e toda a questão da acessibilidade ao Centro Tradicional de Salvador do que em se deter sobre a arquitetura do empreendimento. Rebouças propõe, assim, uma nova via expressa que, partindo do Estacionamento de São Raimundo, passaria por debaixo do Shopping Center Piedade para chegar ao grotão localizado nos seus fundos (no qual posteriormente viria a ser implantada a Estação de Transbordo da Lapa), onde propõe uma grande alça que se conecta ao Vale dos Barris e, através de um novo túnel, à Barroquinha.

Por diversas razões, o empreendimento não foi executado tal como previsto nas propostas de Rebouças. Em 1979, é inaugurada a Estação de Transbordo da Lapa e, em 1985, o Shopping Center Piedade, reduzido a cerca de metade do terreno original e tendo projeto arquitetônico de autoria de André Sá e Francisco Mota, a partir dos estudos preliminares de Rebouças. A metade do terreno mais próxima da Praça da Piedade havia sido vendida à Construtora OAS que, em 1996, inaugura naquele espaço o Shopping Center Lapa.

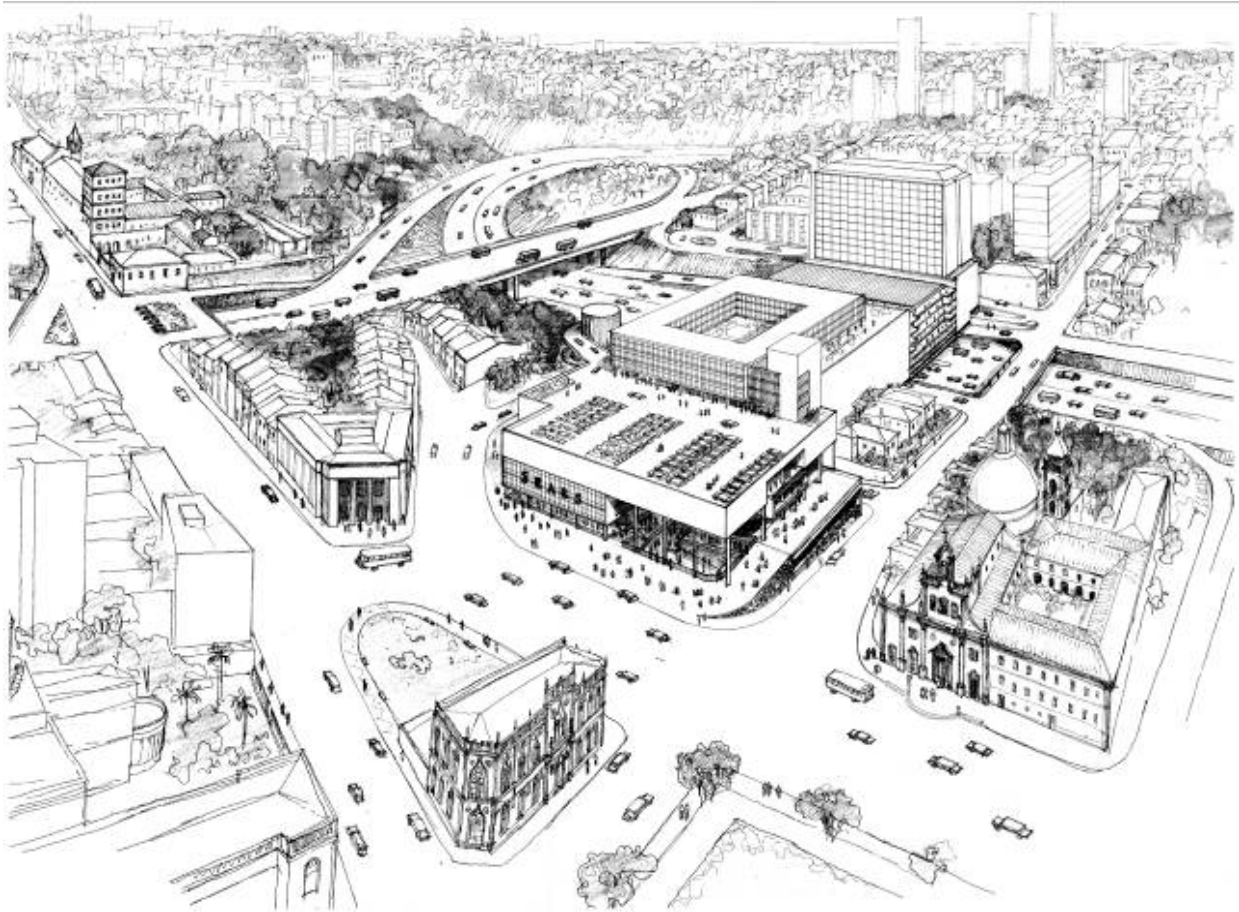


Figura 31 – Perspectiva de uma das propostas elaboradas por Rebouças a partir de 1967 para o Shopping Center Piedade (Fonte: Arquivo da Euluz Empreendimentos)

Em algumas das grandes intervenções projetadas por Rebouças para o Centro Histórico de Salvador e seus arredores nos anos 1980 se percebe um explícito desprezo pelos edifícios monumentais do século XIX e início do século XX e mesmo o tecido urbano colonial. O maior exemplo deste desapego ao patrimônio urbano é o estudo preliminar do Sistema Integrado de Transporte de Massa de Salvador, elaborado por Rebouças e publicado em outubro de 1982 (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 1982). Trata-se de um caderno em que é apresentado o projeto de “renovação e reestruturação urbana” proposto por Rebouças para o Centro Tradicional, no âmbito do processo de implantação de um sistema integrado de transporte de massa para Salvador.

Em uma das linhas, que percorre parte da Rua J.J. Seabra – a Baixa dos Sapateiros – sobre um elevado, está localizada a Estação da Praça dos Veteranos que, devido à sua conexão com a Praça Cayru, no Comércio, é bastante representativa dessa versão tardia do “urbanismo demolidor” haussmanniano proposto por Rebouças.

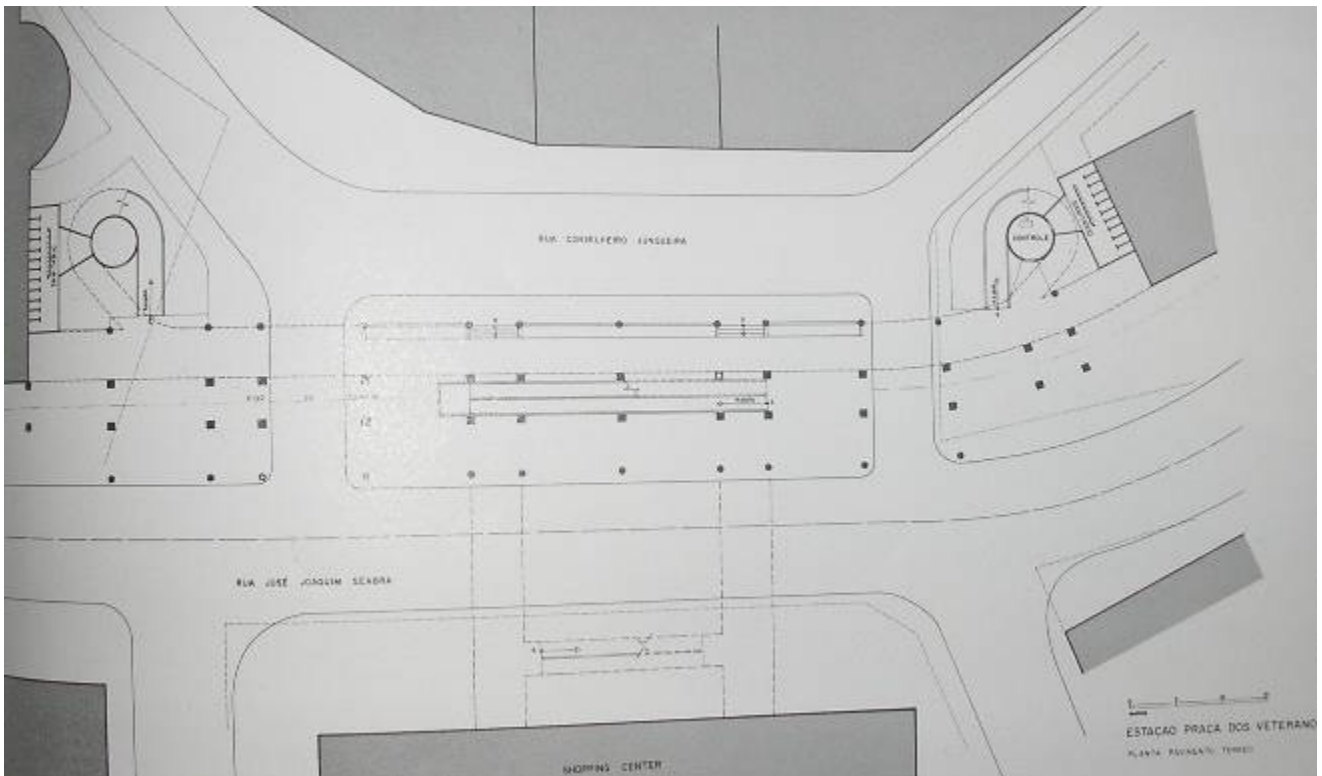


Figura 32 – Planta baixa do pavimento térreo da Estação Praça dos Veteranos – Sistema Integrado de Transporte de Massa de Salvador, 1982 (Fonte: GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 1982)

Para realizar a ligação entre a Praça dos Veteranos, na Baixa dos Sapateiros, e a Praça Cayrú, na Cidade Baixa, passando pela Praça Municipal, Diógenes Rebouças propõe nada menos que a demolição total dos quatro quarteirões localizados entre o Viaduto da Sé, a Rua 28 de Setembro, a Baixa dos Sapateiros e a Ladeira da Praça. Embora este trecho urbano seja formado por edifícios de diferentes épocas e estilos, as construções que o compõem são da mesma escala do tecido edilício circundante, não comprometendo, de uma maneira geral, a leitura da paisagem e a morfologia da área. Ademais, estes quatro quarteirões incluem diversas ruínas de construções dos séculos XVIII e XIX e alguns edifícios monumentais construídos no início do século XX, com destaque para o Quartel do Corpo de Bombeiros, projetado em estilo neogótico e inaugurado em 1917.



Figura 33 – Foto do trecho urbano cuja renovação urbana (demolição) era proposta por Rebouças no âmbito do Estudo Preliminar – Sistema Integrado de Transporte de Massa de Salvador (Foto realizada pelos autores, dez./2004)

No lugar dos quarteirões a serem demolidos, Rebouças propunha a construção de um imenso edifício de quatro pavimentos que conectaria a Praça dos Veteranos ao Viaduto da Sé. Os dois pavimentos inferiores, com acesso pela Baixa dos Sapateiros, abrigariam as garagens, enquanto os dois superiores estariam destinados ao comércio. A laje de cobertura do edifício, na cota da Rua José Gonçalves, se constituiria em uma gigantesca praça. Rebouças justifica assim a sua proposta:

Os quarteirões contíguos [à Praça dos Veteranos], pela sua conformação topográfica, obsolescência, degradação do estado das edificações, e sobretudo pelas más condições de higiene provenientes do retalhamento das propriedades, com a formação de quintais, são verdadeiros focos de proliferação de todas as espécies de agentes nocivos à saúde, gerando mau aproveitamento do espaço e condições altamente prejudiciais à economia da Cidade.

Sem dúvida a posição em que se acham os aludidos quarteirões, no coração da Cidade, é que justifica, e sem contra-indicação, a implantação de um projeto otimista e corajoso de renovação, onde os objetivos a serem alcançados, além do atendimento às necessidades de um centro de Cidade, deverão ser programados para expansão do comércio em termos atrativos, confortáveis e modernos, com a instalação de várias modalidades de prestação de serviços importantes, para dinamização da vida comunitária. Entre estes estarão incluídos os voltados para diversão, lazer, eventos culturais. Servirão também de intercomunicação da Estação de transporte de massa com os logradouros situados nos níveis mais altos, no bairro da Sé, e ainda para propiciar a instalação, em posição adequada, de equipamentos apropriados para superar o desnível entre as cotas da Cidade Baixa e as da Cidade Alta. Com isso espera-se assegurar os fluxos de pessoas que animem os diversos espaços dessa estrutura e lhes garantam apoio, a fim que de justifiquem os bons resultados financeiros do investimento. (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 1982: 17-18).

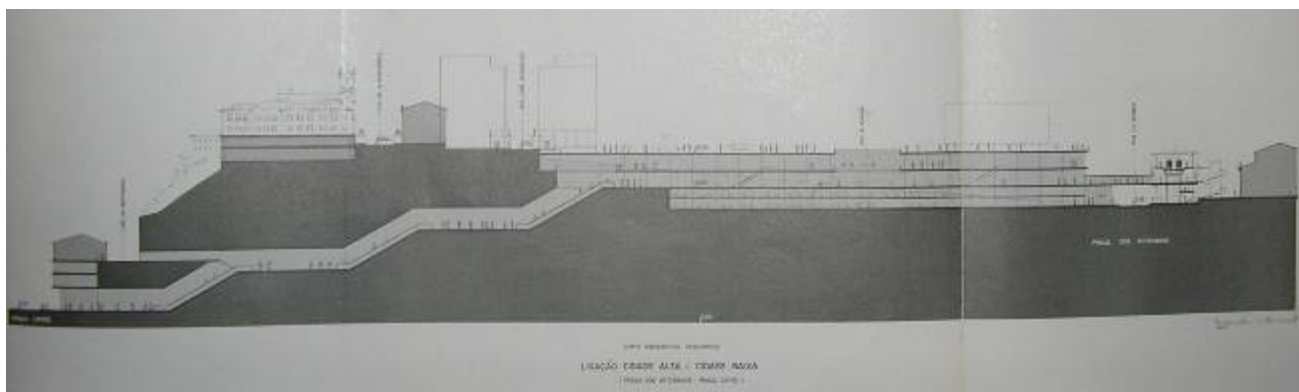


Figura 34 – Corte Esquemático – Ligação Cidade Alta – Cidade Baixa – Praça dos Veteranos-Praça Cayrú – Sistema Integrado de Transporte de Massa de Salvador, 1982] (Fonte: GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 1982)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise destas intervenções, é possível perceber que a atuação de Diógenes Rebouças sobre o patrimônio edificado apresenta frequentemente contradições e variações. Em algumas intervenções, Rebouças se preocupa em inserir o novo em relação com o antigo de forma sutil e inteligente, realizando uma arquitetura moderna sem concessões e, ao mesmo tempo, plena de referências ao contexto. Estamos nos referindo ao projeto do Mercado do Peixe na Barra, à criação de um Museu do IPHAN na Casa dos Sete Candeeiros e ao projeto da Capela de Santa Bárbara em São Félix, todos desenvolvidos na década de 1980. Este último, embora se constitua em uma arquitetura bastante simples – e até mesmo simplória – é capaz de, simultaneamente, afirmar sua modernidade e refletir a arquitetura vernacular do entorno.

Entretanto, em intervenções como o restauro e adaptação do Solar Berquó em sede do IPHAN na Bahia, Rebouças se utiliza de uma linguagem anacrônica e passadista, produzindo falsos históricos e estabelecendo configurações formais que provavelmente jamais existiram, em uma espécie de resgate do restauro estilístico de Viollet-le-Duc.

Além disso, se por um lado Rebouças parece valorizar os monumentos do nosso passado colonial – particularmente os edifícios individualmente tombados –, por outro não parece ter qualquer preocupação com a preservação de determinados tecidos edilícios que, ainda que sejam heterogêneos, foram formados através de sucessivas sedimentações e, por isso mesmo, registram a complexa história urbana de uma cidade como Salvador.

Por fim, parece-nos inquestionável que, em diversas situações – e principalmente nos projetos de grandes equipamentos – a arquitetura é para Rebouças não mais que um pretexto, um ponto de partida para pensar e propor transformações sobre a cidade, certamente incorporando a lição de Le Corbusier que, segundo Lúcio Costa, considerava “o urbanismo como coisa fundamental e a arquitetura como coisa complementar” (COSTA, 2003: 383).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAN SUAREZ, Naia; NERY, Pedro; REIS, Assis. Diógenes / Documento. **Revista AU**, São Paulo, nº 58, pp. 55-63, fev./mar. 1995.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Arquitetura Moderna e Preexistência Edificada: intervenções sobre o patrimônio arquitetônico de Salvador a partir dos anos 1950**. In: Anais do 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói: PPG-AU/UFF / DOCOMOMO Brasil / CREA/RJ, 2005 (CD-Rom).

_____. **Metamorfose Arquitetônica: intervenções projetuais contemporâneas sobre o patrimônio edificado**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: PPG-AU/FAUFBA, 2006.

AZEVEDO, Paulo Ormino de. Diógenes Rebouças, um pioneiro modernista baiano. In: CARDOSO, Luiz Antônio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes de (Org.). **(Re) Discutindo o**

Modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997, pp. 187-200.

AZEVEDO, Paulo Ormino David de (coord.); LIMA, Vivian Lene Rebello Correia. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural. Volume I. Monumentos do Município do Salvador – Bahia.** Salvador: Secretaria de Indústria e Comércio / Coordenação de Fomento ao Turismo – Projeto Patrimônio Histórico, 1975.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era Moderno: Guia de Arquitetura 1928-1960.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

COSTA, Lúcio. Entrevista concedida a Mario Cesar Carvalho. In: SCHWARTZ, Adriano (Org.). **Memórias do Presente: 100 Entrevistas do “Mais!”: 1992-2002: Conhecimento das Artes.** São Paulo: Publifolha, 2003, pp. 375-387.

FONYAT FILHO, José Bina. Era o que tinha a contar. **ABA/CAB – Arquitetura Brasileira do Ano – Caderno de Arquitetura Brasileira.** Rio de Janeiro, Supplementum III, pp. 15-17, 1968.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **Salvador – Sistema Integrado de Transporte de Massa – Estudo Preliminar. Vol. 4. Renovação Urbana.** Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1982.

LEAL, Maria das Graças de Andrade. **A Arte de Ter um Ofício: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (1872-1996).** Salvador: Fundação Odebrecht; Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, 1996.

MINDLIN, Henrique; CAVALCANTI, Lauro (org.). **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: MinC/IPHAN : Aeroplano, 1999.

NASCIMENTO, Valdinei Lopes do. **Salvador na Rota da Modernidade (1942-1965): Diógenes Rebouças, arquiteto.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Salvador: MAU/FAUFBA, 1998.

PEDRÃO, Ângela West. A Escola-Parque, uma experiência projetual arquitetônica e pedagógica. **Revista Rua**, Salvador, nº 7, pp. 24-29, jul.dez. 1999.

PERES, Fernando da Rocha & ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). **Diário de Godofredo Filho.** Salvador: EDUFBA, 2007.

REBOUÇAS, Diógenes; ALBAN, Naia; GALVÃO, Anna Beatriz. História do Fazer Moderno Baiano – entrevista de Diógenes Rebouças a Naia Alban e Anna Beatriz Galvão. **Revista Rua**, Salvador, nº 7, pp. 116-125, jul./dez. 1999.

REBOUÇAS, Diógenes; WOLF, José. Que é isso, Bahia? – entrevista de Diógenes Rebouças a José Wolf. **Revista AU**, nº 6, pp. 30-31, jun. 1986.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SIMAS, Eduardo Furtado de. Entusiasmo pelo IPHAN. **A Tarde**, 29 jun. 1996, Caderno Cultural, p. 5.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel; DOURADO, Odete (apres. e trad.). **Restauro.** Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/UFBA, 1996.